

FAUSTO

TRAGÉDIA SUBJECTIVA

fernando
pessoa

TEXTO
ESTABELECIDO
POR

TERESA SOBRAL
CUNHA

PREFÁCIO POR
EDUARDO
LOURENÇO



O'systeme events & union
 studies - notes, etc. in progress.

Ah com que vsta carne e
o pfer no de deturto m
En me o infeno. In o 2.^a reg.
Requido na ^{terceira} ~~segunda~~ m nome.
In o colhe p. ipiana;

Qu'a visonné da st - de penser
che o luis de bonu o munto

N'ayez peur, amaldi'cosse bien
 Que ce soit moi - je suis un
 Bon pour le malheur, en
 Et, tant cheri de l'âme
 Et meurturant
 Que c'est un bon cœur
 Et pour moi, pour moi, pour moi



ULFL00000138832

FERNANDO PESSOA

FAUSTO

TRAGÉDIA SUBJECTIVA

(Fragmentos)

Estabelecimento do texto
ordenação, nota à edição e notas

TERESA SOBRAL CUNHA

Prefácio

EDUARDO LOURENÇO

EDITORIAL



PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título: *FAUSTO Tragédia Subjectiva (Fragmentos)*

Autor: *Fernando Pessoa*

Estabelecimento do texto, ordenação, nota à edição e notas: *Teresa Sobral Cunha*

Prefácio: *Eduardo Lourenço*

Nos termos do n.º 2 do art.º 78.º do Código de Direito de Autor (aprovado pelo Decreto-Lei n.º 63/85, de 14 de Março, e alterado pela Lei n.º 45/85 de 17 de Setembro) é proibida toda e qualquer reprodução, total ou parcial, desta obra. — S. P. A.

© Ed. Lit.

Capa: *Tiago Cunha*

Impressão e acabamento: *Guide-Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, 1988

Depósito legal n.º 20073/88

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa à
EDITORIAL PRESENÇA, LDA.
Rua Augusto Gil, 35-A 1000 Lisboa

TRABALHO DE PESQUISA SUBSIDIADO PELO
INSTITUTO PORTUGUÊS DO LIVRO E DA LEITURA

FAUSTO OU A VERTIGEM ONTOLÓGICA

O frio do mistério enche tudo
Porque o mistério é tudo e é tudo a vida

Fausto

Nada sei... Serão frases o que digo
Ou verdades? Não sei... eu nada sei...

Fausto

Nada parece mais difícil de explicar, na perspectiva da restante criação de Fernando Pessoa, mau grado a sua poética de transmutação de todo o texto alheio em elemento da sua identidade imaginária, do que a competição com uma obra escrita por um homem tão diferente do que nós supomos ser Pessoa, como Goethe. O que íntimo parentesco de alma ou comunhão de língua o podia autorizar a apropriar-se, como de coisa sua, da poesia de Shakespeare, de Milton, de Keats ou de Walt Whitman, tanto como da visão simbolista de Maeterlinck, teria de ser em relação ao universo alheio de Goethe, uma arriscada, senão a suicidária aventura poética em que afinal se resumiu. Na sua aparência de obra, medida pela ambição mais que fáustica que nela se devia incarnar, o poema dramático Fausto é um aparente, ou até, um objectivo desastre. Porventura faz parte de toda a tentativa de retomar o mito de Fausto — e já a de Goethe teve de ultrapassar esse «handicap» originário — a condenação ao fracasso. Nem Valéry nem Butor que astuciosamente perceberam a armadilha e a tentaram neutralizar, um pela responsabilização lúdica da empresa («Mon Faust»), outro pela sua

como o Mistério de que é a desesperada leitura e a improvável chave. Através dele Fernando Pessoa não escreveu mais um Fausto, convincente ou falhado. À sombra tutelar de Goethe, a aventura consignada nestes fragmentos calcinados e luminosos, converteu Fernando Pessoa no Fausto de si mesmo.

Vence, 28 de Agosto de 1988

Eduardo Lourenço

NOTA À EDIÇÃO

Em 1952 publica Eduardo Freitas da Costa, primo de Fernando Pessoa, setenta páginas de escrita para o Fausto por ele retirada da já então um pouco mítica «arca» e seleccionada com discutíveis critérios.

Com o drama estádico O Marinheiro, escrito em 11 e 12 de Outubro de 1913 e dado a público em Abril de 1915 na revista Orpheu 1, constituía assim, este editor literário, um primeiro de dois volumes destinados a incluir os Poemas Dramáticos. Ressalvada, na oportunidade, esta designação englobante pelo carácter parapoético daquele drama em prosa ultra-simbolista, via-se este então emparceirado com os trechos inéditos, em verso livre, que, sob o título de Primeiro Fausto, surgiam a público.

Com esta novidade uma outra se veiculava quase despercebida na altura e quase despercebida, ou recebida com indiferença, havia ela de persistir por mais de trinta anos: a existência dum acervo maior de poemas, de que aqueles, então revelados, constituíam meros e truncadíssimos excertos. Esse acervo maior, que na edição da Ática fora reduzido aos extractos de 90 dos originais e no espólio se totaliza em 227 documentos variamente dimensionados, conhecerá, em 1986, uma primeira exumação a que procedeu Duílio Colombini.

Uma outra leitura, feita no primeiro semestre de 1987, ainda no desconhecimento daquela, ocorrida no Brasil, se vem propor à consideração dos leitores no ano do Centenário.

Já em 1935, em carta dactilografada para Casais Monteiro, desculpava-se o poeta com o seguinte post-scriptum: «Não se ofenda com a máquina de escrever. Pessoal e directamente — pelo uso corrente da máquina — sou ilegível.»

Dentre os documentos fáusticos do espólio, que tipificam aquilo que, em outro sentido, Carlyle referia como «dissecta membra» e

*Destruir o mistério é com efeito a maior das infâmias —
destruí-lo puramente claro. E como é arrepiadora e
genial, por isso mesmo, a concepção do seu Fausto!...*

De uma carta de Mário de Sá-Carneiro
a Fernando Pessoa em 5-2-1916

ACTO I

Alf. (vendo o relógio) — *antologia* 11, 1, 1-175
O tempo que passa, a vida que anda
São coisas novas que a vida é eterna —
Sociedade de vida e de pensamento.

Tudo que vem do mundo, tudo
A vida é vida, a vida é vida,
É a vida de todos, tudo que está
Quê é qual o mundo que está.

Tudo que vem do mundo, tudo
A vida é vida, a vida é vida,
São coisas novas que a vida é eterna —
A vida é vida, a vida é vida.

Tudo que vem do mundo, tudo
A vida é vida, a vida é vida,
São coisas novas que a vida é eterna —
A vida é vida, a vida é vida.

29-12*

Ah, tudo é símbolo e analogia!

2, 3, 9-11-32

O vento que passa, a noite que esfria
São outra coisa que a noite e o vento —
Sombras de vida e de pensamento.

Tudo que vemos é outra coisa.

A maré vasta, a maré ansiosa,

É o eco de outra maré que está

Onde é real o mundo que há.

Tudo que temos é esquecimento.

A noite fria, o passar do vento

São sombras de mãos cujos gestos são

A ilusão mãe¹ desta ilusão².

*

30-55*

Tudo transcende tudo

E é mais real e menos do que é.

[1915?]

Fausto: Ondas de aspiração que vãs morreis
 (só) Sem mesmo o coração e alma atingir
 Do vosso sentimento; ondas de pranto,
 Não vos posso chorar, e em mim subis,
 Maré imensa rumorosa e surda,
 Para morrer na praia do limite
 Que a vida impõe ao Ser; ondas saudosas
 D'algum mar alto Aonde a praia seja
 Um sonho inútil, ou d'alguma terra
 Desconhecida mais que a eterna aura¹
 Do eterno sofrimento, e onde formas
 Dos /olhos/ d'alma não imaginadas
 Vagam², essências lúcidas³ e (...)
 Esquecidas daquilo que chamamos
 Suspiro, lágrima, desolação;
 Ondas /nas quais/ não posso visionar,
 Nem dentro em mim, em sonho, barco ou ilha,
 Nem esperança transitória, nem
 Ilusão nada da desilusão;
 Oh ondas sem brancuras, asperezas,
 Mas redondas, como óleos e silentes
 No vosso intermínio e total rumor...
 Oh ondas d'alma, decai em lago
 Ou levantai-vos ásperas e brancas
 Com o sussurro ácido da espuma
 /Erguei/ em tempestades no meu ser⁴.
 Vós sois um mar sem céu, sem luz, sem ar
 Sentido, visto não, rumorejante
 Sobre o fundo profundo da minha alma⁵!
 Lágrimas, sinto em mim vosso amargor!
 Não vos quero chorar. Se vos chorasse
 Como chegar — tantas! — ao vosso fim?
 Chegado ao vosso fim que encontraria?
 Talvez uma aridez desesperada
 Uma ânsia vã de não poder trazer-vos⁶

Outra vez para mim para chorar-vos
 Em vã consolação inda outra vez!

Não haver alma, inda ideia vã!
 Havê-la e imortal, sonho pequeno
 De término[?], embora coerente
 À sua pequenez. Que mais? Havê-la,
 Havê-la e ser mortal, morrer num Todo
 Celeste? Vago, vão. Não haverá
 Além da morte e da imortalidade
 Qualquer coisa maior? Ah, deve haver
 Além de vida e morte, ser, não ser,
 Um Inominável supertranscendente
 Eterno Incógnito e incognoscível!
 Deus? Nojo. Céu, inferno? Nojo, nojo.
 P'ra quê pensar, se há-de parar aqui
 O curto voo do entendimento?
 Mais além! Pensamento, mais além!

*

29-21*

O mistério dos olhos e do olhar
 Do sujeito e do objecto, transparente
 Ao horror que além dele está; o mudo
 Sentimento de se desconhecer,
 E a confrangida comoção que nasce
 De sentir a loucura do vazio;
 O horror duma existência incompreendida
 Quando à alma se chega desse horror
 Faz toda a dor humana uma ilusão.
 Essa é a suprema dor, a vera cruz.
 Querem desdenhar o teu sentir orgulho
 Oh, Cristo!

29-58*

29-21

Então eu vejo — horror — a íntima alma,
 O perene mistério que atravessa
 Como um suspiro céus e corações.

30-32

Saído apenas duma /infância/¹
Incertamente triste e /diferente/

Uma vez contemplando dum outeiro
A linha de colinas majestosa
Que azulada e em perfis desaparecia
No horizonte, contemplando os campos,
Vi de repente como que tudo
Desaparecer, tomando (...)

E um abismo invisível, uma coisa
Nem parecida com a existência
Ocupar não o espaço, mas o modo
Com que eu pensava o visível.

E então o horror supremo que jamais
Deixei depois, mas que aumentando e sendo
O mesmo sempre,
Ocupou-me...
Oh primeira visão interior
Do mistério infinito, em que ruiu
A minha vida juvenil numa /hora/ !

30-33

Li vaga — inerte — e sonhadoramente li
Compreendendo mais do que havia¹
Em frase (...)

Fechei tremendo, os livros, e sentindo
Como que de detrás da consciência,
Negrumé transcendendo o que de horror
(...)

Desde então o /constante/ persistir
Do mistério em minha alma não me deixa
Quieto o espírito, por meditar
Que seja, meditando sempre.

30A-14

Não leio já; queria abrir um livro
E ver, de chofre, ali, a ciência toda...
Queria ao menos poder crer que, lendo,
E em prolongadas horas lendo e lendo,
No fim alguma coisa me ficava
Do essencial do mundo, que eu subia
Até ao menos cada vez mais perto
Do mistério... Que ele, inda que inatingido,
Ao menos dele que eu [me] aproximava...
Não fosse tudo um (...)
Como uma criança que a fingir sobe
Uns degraus que pintou no chão...

Não leio. Horas interminas, perdido
De tudo, salvo de uma dolorosa
Consciência vazia de mim próprio,
Como um frio numa noite intensa,
Em frente ao livro aberto /vivo e morro/...
Nada... E a impaciência fria e dolorosa
De ler p'ra não sonhar, e ter perdido
O sonho! Assim como um (...) engenho
Que, abandonado, em vão trabalha ainda,
Sem nexo, sem propósito, eu môo
E remôo a ilusão do pensamento...
E hora a hora na minha estéril alma
Mais fundo o abismo entre meu ser e mim¹
Se abre, e nesse (...) abismo não há nada...

Ditoso o tempo em que eu sonhava, e às vezes
Eu parava de ler para seguir
Os cortejos em mim... Amor, orgulho,
— Crenças inda! — pintavam os meus sonhos...
E com muita insistência[?], eu era (...)
O amante de belezas (...)
E o rei de povos vagos e submissos;
E quer em braços que eu sonhava, ou entre
As filas (...) prostradas, eu vivia
Sublimes nadas, alegrias sem cor.

Mas
 Hoje nenhuma imagem, nenhum vulto
 Evoco em mim... Só um deserto aonde
 Não a cor dum areal, nem um ar morto
 Posso sonhar... Mas tendo só a ideia,
 Tendo da cor o pensamento apenas,
 Vazio, oco, sem calor nem frio,
 Sem posição, nem direcção, nem (...)
 Só o vazio lugar do pensamento...

30-67

O Suspiro do Mundo:

Vida, morte,
 Riso, pranto
 É o manto
 Que me cobre.
 Natureza,
 Amor, beleza,
 Tudo quanto
 A alma descobre.

O Mistério
 Deste mundo
 Teu profundo
 Olhar leu;
 D'além dele —
 Cerra a alma
 De pavor! —
 Venho eu.
 Nada, nada
 Já acalma
 Tua dor.
 Tu bem sabes
 Ser minha voz
 Mais atroz
 De mudo horror
 No que não diz,
 E só tu sentes

E compreendes.
 Cerra, infeliz
 Cerra a (tua) alma
 Ao meu pavor!

(Fausto, com os olhos fechados, encolhido na cadeira, treme como
 que dum grande frio.)

*

30A-21

O mistério supremo do Universo
 O único mistério, tudo e em tudo
 É haver um mistério do universo,
 É haver o universo, qualquer cousa,
 É haver haver. Ó forma abstracta e vaga
 Que tão corrente haver em mim demora
 Que pensar isto é-me no corpo um frio
 Que sopra d'além terra e d'além-túmulo
 E vai da alma a Deus.

*

29-9

O mistério de tudo
 Aproxima-se tanto do meu ser,
 Chega aos olhos meus d'alma tão perto
 Que me dissolvo em trevas e imerso
 Em trevas me apavoro escuramente.

*

144M-42*

Quem passa e me olha ou me conhece
 mal sabe!
 Vendo-me apenas um cansado e triste
 O que em mim há distante disto tudo!
 Como é que a negra e lúcida verdade
 Pode chegar às almas

Que na luz concebem? Tudo o que vive
 Ao sol deste existir e quer o sol
 Brilhe sem nuvens, anuviado seja
 Ou (...) — vive à luz
 E não suspeita o que é a escuridão
 Das cavernas da alma, esquecida
 De luz e vida, e onde a existência íntima
 Tem outra forma, outro ser e outro (...)

*

29-29*

Ah não poder tirar de mim os olhos,
 Os olhos da minh'alma da minh'alma
 (Disso a que alma eu chamo)!
 Só sei de duas cousas, nelas absorto
 Profundamente: eu e o universo,
 O universo e o mistério e eu sentindo
 O universo e o mistério, apagados
 Humanidade, vida, amor, riqueza.

Oh vulgar, oh feliz! Quem sonha mais
 Eu ou tu? Tu que vives inconsciente,
 Ignorando este horror que é existir,
 Ser perante o pensamento
 Que o não resolve em compreensões, tu
 Ou eu, que, analisando e discorrendo
 E penetrando (...) nas essências,
 Cada vez sinto mais desordenado
 Meu pensamento louco e sucumbido,
 Cada vez sinto mais como se eu,
 Sonhando menos, consciência alerta,
 Fosse apenas sonhando mais profundo...
 E esta ideia nascida do cansaço
 E confusão do meu pensar, consigo
 Traz horrores inúmeros, porque traz
 Matéria nova para o mistério eterno,
 Matéria metafísica em que eu
 Me perco a analisar.

29-30

Pensar fundo é sentir o desdobrar
 Do mistério, ver cada pensamento
 Resolver em milhões de incompreensões,
 Elementos (...)

Oh tortura, tortura, /longa tortura!/
 *

29-80

O pensar, e o pensar sempre
 Dá-me uma forma íntima e (...)
 De sentir, que me torna desumano.
 Já irmanar não posso o sentimento
 Com o sentimento doutros, misantropo
 Inevitavelmente e em minha essência.

Toda a alegria me gela, me faz ódio,
 Toda a tristeza alheia me aborrece,
 Absorto eu na minha, maior muito
 Que outras. E a alegria faz-me odiar
 Porque eu alegre já não posso ser,
 E, conquanto o não queira assim sentir,
 Sinto em mim que a minha alma não tolera
 Que seja alguém do que ela mais feliz.
 O rir insulta-me por existir,
 Que eu sinto que não quero que alguém ria
 Enquanto eu não puder! Se acaso tento
 Sentir, querer, só quero incoerências
 De indefinida aspiração imensa,
 Que mesmo no seu sonho é desmedida.
 E às vezes com pensar sinto crescer
 Em mim loucuras de (...)
 E impulsos que me transem de terror
 Mas são apenas (...) e passam.
 Mais de sempre é em mim (quando não penso
 E estou no pensamento obscurecido)
 Uma vaga e (...) aspiração
 Quiescente, febril e dolorosa
 Nascida do (...) pensamento
 E acompanhando-o comovidamente
 Nas inércias obscuras do meu ser.

Fausto perante o povo alegre

Alegres camponeses, raparigas
 Alegres e ditosas,
 Como me amarga n'alma essa alegria!
 Vendo-a, que bem sinto que nunca a tive!
 Nem em criança, ser predestinado,
 Alegre era eu assim; no meu brincar
 Nas minhas ilusões de infância eu punha
 O mal da minha predestinação.
 Ao ver vosso dançar, ouvindo
 Vossas cantigas
 Sobe em mim um amargor que me estonteia
 E me faz odiar e desejar.
 Odiar o quê e desejar o quê?
 Não sei: sei que odeio e que desejo.
 Folgai — sinto a ironia dessa vida —
 Danças e cantos e a morte avança...
 Mas que importa? Tendes razão — se tendes! —
 Vem a morte e nos leva, e a Vossa vida
 Envolvida em inconsciências fundas
 Foi contudo feliz, enquanto a minha...
 Que dizer dela?
 Oh horror! horror!
 Não nasce em mim nem sombra de alegria
 Longínquo e exilado¹.
 Acabemos com esta vida assim!
 Acabemos! o modo pouco importa!
 Sofrer mais já não posso. Pois verei —
 Eu, Fausto, aqueles que não sentem bem
 Toda a extensão da felicidade
 Gozá-la?

Eu que adaptado tenho
 A sensações profundas todo o ser
 Não as sentir? Ferve a revolta em mim
 Contra a causa da vida que me fez
 Qual sou². Eu morrerei e deixarei

Neste mundo isto apenas: uma vida
 Sem prazer e sem gozo, sem amor,
 Só imersa em estéril pensamento
 E desprezo (...) da humanidade.

Mas eu, como entrarei naquela vida?
 Eu não nasci para ela.

*

Perdido
 No labirinto de mim mesmo, já
 Não sei qual o caminho que me leva
 Dele à realidade humana e clara
 Cheia de luz, onde sentir-me irmãos.
 Por isso não concebo alegremente,
 Mas com profunda pesadez em mim,
 Esta alegria, esta felicidade,
 Que odeio e que me fere.

Ouvir um riso
 Amarga-me a alma — mas por quê não sei.
 Sinto como um insulto esta alegria...
 Toda a alegria. Quase que sinto
 Que rir é rir... não de mim mas, talvez
 Do meu ser.
 Um insulto ao mistério estar a rir
 E tendo o horror, do poder durar eterno
 Do incompreendido! Estranho!

Felicidade, (...) composto
 De sensualidade e infantilismo...
 Como te posso eu ter, felicidade?

*

Sua inconsciência alegre é uma ofensa
 Para mim. O seu rir esbofeteia-me!
 Sua alegria cospe-me na cara!
 Oh, com que ódio carnal e¹ espiritual

Ó febre em que estremece, frio,
O meu ser.

En x o Aparte, o Escondido, o Negro!
O' Odis, abraça-me teu segredo!
Faz-me um a morte ~~seja~~ recusa a tudo,
Põe-me na vida e, sempre, latido
Quelles coisas! "Tudo fides, aqui
um fides afaga entre os deus,
As fides vivas em um só
Caroço engarrafado a vida do teu voz 14-1

huitième, avec un λ^E —
(à titre de papier).

O que é isto? De quem é a carta? A carta
 de quem? De quem? De quem? De quem?
 O que é isto? De quem é a carta? A carta
 de quem? De quem? De quem? De quem?
 O que é isto? De quem é a carta? A carta
 de quem? De quem? De quem? De quem?

[illegible]

30-95